

# CORTÁZAR OU UM TEMPO QUE TEM OUTRO TEMPO

Wilson Coêlho  
Mestrando em Estudos Literários, Universidade Federal do Espírito Santo

Resumo: O artigo tem como proposta de abordagem o tempo na obra de Júlio Cortázar, tendo como referência e base alguns dos poemas que compõem *Salvo el crepusculo*, último livro publicado em vida. Para além da força dramática de sua poesia, Cortázar deixa transparecer a importância que o tempo ocupa tanto em sua vida como em sua obra. Diga-se de passagem, o *Salvo el crepusculo* é uma antologia, organizada pelo próprio Cortázar e entendida como uma coletânea dos melhores poemas produzidos em toda a sua vida.

Résumé: L' article a comme propos faire une démarche du temps dans l'oeuvre chez Júlio Cortázar, en ayant référence et base en quelques poèmes composés dans *Salvo el crepusculo*, qui c'est son dernier livre publié en tant que vivant. Au-delà de la force dramatique de sa poésie, Cortázar montre l'importance qui a le temps tant dans sa vie que dans son oeuvre. En passant on dit que *Salvo el crepusculo* s'agit-il d'une ontologie organisée par lui même et y comprise comme une sélection des meilleurs poèmes produites en toute sa vie.

Quem poderá prender o coração do homem, para que pare e veja como a eternidade imóvel determina o futuro e o passado, não sendo ela nem passado nem futuro? Poderá, porventura, a minha mão que escreve explicar isso? Poderá a atividade de minha língua conseguir pela palavra realizar empresa tão grandiosa?

Santo Agostinho

Referindo-se ao poeta francês Antonin Artaud e destacando-o como um homem que trazia em sua própria pele o verdadeiro sentido do surrealismo, Júlio Cortázar afirma que “viver importa mais do que escrever, a não ser que o escrever seja – como tão poucas vezes – um viver” (CORTÁZAR, 1993, p. 57-60). Na verdade, fazendo um balanço tanto da quantidade como da qualidade da obra cortazariana, podemos concluir que esse autor, ao falar de Artaud, também se referia a si mesmo, considerando a maneira pelo qual se fez pres-ente<sup>1</sup> no mundo através da ebulição de sua escrituratura.

A riqueza e a policromia na escrita de Julio Cortázar nos facilitam e ao mesmo tempo nos dificultam uma abordagem reflexiva acerca de sua obra. Nos facilitam no sentido do leque que se abre nos oferecendo diversos objetos para escolha e, conseqüentemente,

uma possível análise. E, como não somos capazes de falar de muitas coisas no mesmo momento, a mesma obra também nos dificulta algumas observações, levando em conta o perigo que se corre na tentativa de apreensão desta através de uma única perspectiva que pode desaguar num reducionismo.

Mas se o risco se faz necessário, a sorte está lançada. Apesar de ser muito mais conhecido através do romance e do conto, aqui tomaremos por base alguns dos poemas que compõem “*Salvo el crepusculo*”, último livro de Julio Cortázar publicado em vida, onde o autor – para além da força dramática de seus poemas – deixa transparecer a importância que o tempo ocupa tanto em sua vida como em sua obra. Diga-se de passagem, o *Salvo el crepusculo* é uma antologia, organizada pelo próprio Cortázar e entendida como uma coletânea dos melhores poemas produzidos em toda a sua vida.

O tempo tem inúmeras facetas, bem como, de tempos em tempos ele vem sendo impregnado das mais variadas significações que variam conforme os interesses de cada época e sociedade. Existe o tempo que é concebido como uma espécie de trama móvel onde os acontecimentos não passam de algo que está sob a dependência de um observador que tem diante de si o presente. Há também o tempo que é compreendido como um espaço onde alguns acontecimentos se desenrolam, ou seja, um tempo que passou e está cravado num lugar como, por exemplo, no tempo dos romanos, etc. Existe uma interpretação do tempo como aquilo que passa, isto é, o que contrapõe a eternidade como aquilo que permanece. Ainda, levando em conta o tempo como uma possibilidade da abstração, pode-se dizer que o tempo não é outra coisa senão o espaço vazio existente entre um acontecimento e outro.

Obviamente, da poesia de Cortázar não se pode esperar uma tranqüila sucessão de versos escritos em diferentes épocas e situações onde o tempo seja um simples representação do velho e abominável Cronos. Nessa obra, o tempo tem tantos significados quanto o número de vezes em que o vocábulo é chamado a ocupar um espaço e compor uma sensação dentro do verso. A começar pelo título, *Salvo el crepúsculo*, já temos aí um indício do personagem tempo anunciado e, ainda mais aterradora a epígrafe de Basho predizendo como uma espécie de maldição que “*este camino/ ya nadie lo recorre/ salvo el crepúsculo*”.

No decorrer do livro, o tempo vai tomando as mais variadas formas e assumindo os mais variados papéis na multifacetada poesia de Cortázar, considerando que o mesmo vive no limiar de um desajuste entre o subjetivo e o objetivo, ou seja, instaura-se no conflito entre o subjetivo e o objetivo onde o homem não passa de uma forma de manifestação de sua essência de ser deslocado no mundo.

No poema *Estrela en una encrucijada*, escrito em agosto de 1968, temos a palavra “*encrucijada*” que, embora possa ser considerada como lugar, também carrega consigo todo o significado daquilo que não se resume à idéia de espaço, pois trata-se de algo que foi esculpido no tempo, não entendendo o tempo como aquele que conduz os seres à maturidade e tampouco os recoloca em seus termos, mas como um processo em movimento, tendo em vista que a mesma – a encruzilhada no sentido de um determinado ponto de percurso – se dá ou se realiza no momento em que os caminhos se cruzam:

Los mármoles que tanto amamos siguen ahí  
En los museos Vaticanos, y las tablas  
temblorosas de vírgenes y de angeles, Duccio de  
    Buoninsegna,  
Ambrogio Lorenzetti, y los trajes a rayas de los duomos  
Y junto al Arno sigue Santa María della Spina, todo sigue  
En Urbino, en Perugia, en San Sepolcro, en Siena.<sup>2</sup>

Em outro momento deste mesmo poema, colocando o olhar como *la mirada* que dá sentido para o fenômeno que se apresenta, Cortázar parece celebrar a máxima do pré-socrático Heráclito ao afirmar que um homem não se banha duas vezes num mesmo rio, considerando que da segunda vez as águas serão outras e o homem já não será o mesmo.

Tú los verás acaso una vez más  
y yo también acaso una vez más  
en tiempos diferentes, sin compartir esse segundo  
siempre nuevo y distinto de detenerse frente a un Donatello  
y sin hablar, perdidos en la contemplación, saber  
que el otro estaba al lado, que después sería el diálogo,  
el acuerdo o la pugna o las razones...<sup>3</sup>

Nos últimos versos deste poema, há dois momentos interessantes onde o tempo se desdobra não só com sentidos distintos, mas também na forma de ser escrito.

Primeiramente, o autor estabelece um paradoxo, ou seja, utiliza-se do termo “eternidade” que é a mais abrangente forma de tratar do tempo, considerando que este não tem início nem fim, quer dizer, tem um caráter de permanência e duração. Mas o paradoxo se dá justamente quando a substantivada “eternidade” é acrescida do adjetivo “precaria”. Depois, num misto de recordações e heranças, com se uma afirmação de que somos hoje aquilo que um dia não fomos, o tempo se ajoelha e quase se entrega numa espécie de confissão de sua pequenez por se tratar de um mero fato histórico.

... mientras las voces retomaban un acorde del Giotto, un sesgo  
de Francesco Laurana, y rehacíamos  
en un aire común, en un contacto de eternidad precaria,  
ya en la orilla del sueño, una sonrisa del Angélico,  
los azules de Piero, los pardos de Masaccio.  
Fuimos todo eso juntos; sólo quedan  
Nuestros ojos a solas en el polvo del tiempo.<sup>4</sup>

Em “*Temas de la medianoche*”, além do termo “meia-noite” como uma espécie de tempo pontuado no mostrador do relógio, temos ainda algumas palavras que nos desconfortam, ou melhor, nos alimentam a idéia de tempo de uma maneira não muito habitual, pelo menos, de imediato. Tais palavras são “corazón”, “co-razón” e “repetición”. O coração não é medido pelas batidas que estabelecem o ritmo dentro de um determinado tempo? E mesmo através do neologismo, nesta parceria onde escreve “co-razón”<sup>5</sup> não está aí estabelecido também um movimento de duração entre algo que acontece, fenômeno de (co) operação e a racionalidade (razón)? Quando diz da repetição não poderia esta ser interpretada como uma espécie de tentativa de retomada? Repetir não pode ser tomado como um passo atrás? E um passo atrás não é uma ação que de certa forma simboliza uma volta no tempo? No caso da música, a repetição – através da partitura – ainda pode significar a manutenção ou medida de duração de um ou mais tempos dentro do tempo.

Cada una de las razones que nos devuelven al amor es la repetición de razones agotadas, agostadas. ¿Qué razón puede quedar en lo más irrazonable, en eso que siempre llamaremos corazón? ¿Qué absurda, irrenunciable co-razón orienta una vez más el governalle de la sangre hacia las sirtes que lo esperan entre espumas y naufragios?<sup>6</sup>

Nesta ciranda em que o tempo rodopia metamorfoseando-se nos versos de Cortázar, tomemos também como exemplo o poema “*A una mujer*”. Aqui, influenciado e admirador de um de seus contemporâneos, o argentino Jorge Luís Borges, podemos tomar emprestado deste autor a idéia de que “somos feitos de tempo”. Mas esse sermos feitos tempo é – mesmo através da imobilidade – afirmarmos que algo passa ao mesmo tempo em que estamos nos afirmando no efêmero. E o que importa mesmo é a efemeridade do efêmero, quer dizer, não importa muito se a duração se dá na passagem de uma nuvem ou até no percurso percorrido pela tartaruga. O que está em questão é a passagem. E essa passagem é o tempo que se afirma em direção ao futuro como uma negação a si mesmo, como um esquecimento, tendo em vista que ao reivindicar um lugar no mundo real, também está, simultaneamente, inaugurando uma realidade que se sustenta de solidão e desencontros.

No hay que llorar porque las plantas crecen en tu balcón, no  
hay que estar triste  
si una vez más la rubia carrera de las nubes te reitera lo  
inmóvil,  
ese permanecer en tanta fuga. Porque la nube estará ahí,  
constante en su inconstancia cuando tú, cuando yo -pero por  
qué nombrar el polvo y la ceniza.  
Sí, nos equivocábamos creyendo que el paso por el día  
era lo efímero, el agua que resbala por las hojas hasta  
hundirse en la tierra.  
Sólo dura la efímero, esa estúpida planta que ignora la  
tortuga,  
esa blanda tortuga que tantea en la eternidad con ojos  
huecos,  
y el sonido sin música, la palabra sin canto, la cópula sin  
grito de agonía,  
las torres del maíz, los ciegos montes.  
Nosotros, maniatados a una conciencia que es el tiempo,  
no nos movemos del terror y la delicia,  
y sus verdugos delicadamente nos arrancan los párpados  
para dejarnos ver sin tregua cómo crecen las plantas del  
balcón,  
cómo corren las nubes al futuro.  
¿Qué quiere decir esto? Nada, una taza de té.  
No hay drama en el murmullo, y tú eres la silueta de papel  
que las tijeras van salvando de lo informe: oh vanidad de  
crear  
que se nace o se muere,  
cuando lo único real es el hueco que queda en el papel,  
el golem que nos sigue sollozando en sueños y en olvido.<sup>7</sup>

Talvez como uma necessidade, ou no sentido filosófico shoppenhaueriano de vontade, Cortázar em sua obra, principalmente nesse lugar em que sua poesia é utilizada como

um pretexto para nossas indagações, tem como objeto central de suas preocupações uma busca ontológica do homem. Para tanto, se alimenta da vontade e, nessa vontade (que não deve ser consentida como desejo), uma tentativa de igualar-se ou ser considerado pelo Criador.

Creo que soy porque te invento,  
Alquimia de águila en el viento  
desde la arena y las penumbras,

y tú en esa vigilia alientas  
la sombra com la que me alumbras  
y el murmurar com que me inventas.<sup>8</sup>

Neste sentido, pode ser que acabamos por fazer um tipo de determinismo, como no formalismo kantiano, onde a obrigação e a autonomia não são contraditórias. É dizer que – em Kant – a obrigação trata-se de uma consciência moral que o homem traz em si como parte de sua natureza, ao passo que a autonomia se dá como a condição em que o sujeito é livre para se autodeterminar, ou seja, não necessita de algo exterior que o pressione para tal. Mas é nesse momento que ele se empenha a uma espécie de negação do mundo como algo pronto e acabado, considerando que a realidade possível é aquela que se realiza, através dos sonhos, das esperanças e das angústias como uma tentativa de estabelecer a existência – mesmo que fictícia – de um fronteira entre aquilo a que se condicionou a realidade e o que sabemos insuficiente para dizermos um pouco mais do que somos ou acreditamos ser, afastados dos valores que a cotidianidade nos impôs.

Cuando la rosa que nos mueve  
cifre los términos del viaje  
cuando en el tiempo del paisaje  
se borre la palabra nieve,

habrá un amor que al fin nos lleve  
hasta la barca de pasaje,  
y en esta mano sin mensaje  
despertará tu signo leve.<sup>9</sup>

Como uma espécie de preliminar aos *Três sonetos eróticos*, Cortázar faz algumas observações que merecem – senão uma atenção em especial – pelo menos um breve comentário no sentido de tentarmos compreender como o tempo que está presente em toda a sua poesia aqui é diferente ou diferentemente abordado.

¿Sonetos, en este tiempo de tormenta? Anacrónicos para muchos, yo los siento más bien ucrónicos. Después de todo el soneto es el agazapado íncubo de la poesía en lengua castellana, y el poeta sabe que en cualquier momento asomará la Violante que le mande hacer ese soneto. Si su nombre cambia, y el color de sus ojos y el trigo de su vientre, siempre será ella esperando. Burla burlando, ya van tantos delante...<sup>10</sup>

Já que nossa proposta é observar, a partir da antologia de poemas “*Salvo el crepusculo*”, o papel do tempo na obra de Julio Cortázar, parece-nos necessário indagar no referido preâmbulo alguns elementos ou termos fundamentais para nosso esclarecimento ou – quem sabe – outras dúvidas e, conseqüentemente, novas indagações. O que estará querendo dizer quando questiona os “sonetos” em contraposição com “tiempo de tormenta”? O soneto, compreendido como uma forma poética composta de quatorze versos alinhados em dois quartetos e dois tercetos tem data de origem um pouco duvidosa. Para alguns, o soneto fora criado no século XII, provavelmente, por Pier della Vigna e Giacomo de Lentiono, trovadores da corte de Frederico II, rei da Sicília. Para outros, foi somente no século XIV que Petrarca teria lhe dado forma mais consistente e, ainda, diz-se que, no século XVI, este chega a Portugal por intermédio de Sá de Miranda (BRASIL, 1979, p. 196-197). Por outro lado, quase sempre tem-se creditado ao soneto a idéia de que o mesmo se sustenta primordialmente do amor como tema, a partir do qual também pode-se eleger todos os temas. Ora, daí temos apenas alguns dados que em nada pode nos acrescentar no problema levantado que é encontrar a contradição entre soneto e tempo de tormenta. Existe algo idealizado ou uma situação ideal para que um soneto seja cometido? E que tempo é esse o da tormenta? Será a modernidade e seu discurso da subjetividade? A título de ilustração e, tomando emprestado Alexandre Moraes, concordamos com a idéia de que:

O indivíduo moderno sente-se concretizado, definitivo e efetivo na sua possibilidade de legitimação daquilo que ele é e o que acredita pensar e sentir. Moderno é, ainda, o indivíduo que sent6e e esse sentir é entendido como um distanciamento do mundo coletivo. O mundo coletivo moderno terá que submeter-se e adaptar-se a esse sentir individual e ao processo de transformação que esta virada de mundo coloca na formação dos elementos da realidade. (MORAES, 1994, p. 56).

Tendo como referência essa afirmação e colocando-a em confronto com o trecho citado de Cortázar, parece óbvio afirmar que existe aí uma dicotomia. Não somente como uma

espécie de negação da modernidade como um tempo definido, assim como uma recusa em acreditar na possibilidade de uma subjetividade autônoma. Ao levar em conta o Crono<sup>11</sup>, torna-se difícil acreditar que seja por acaso a utilização do termo “anacrônicos”, este entendido como o que está em desacordo com os usos e costumes de uma determinada época, anticrônico e, da mesma forma, “ucrônicos”<sup>12</sup> que, por sua vez, reivindica um status de utopia (*u-topos* ou não-lugar), mas esse topos inaugura a equação espaço-tempo que se torna necessária para a realização de um fenômeno, aquilo que aparece.

Esmiuçando ainda mais, surge o íncubo, demônio masculino, ou seja, espírito mau a cuja influência se atribuíam os pesadelos. Por que essa palavra e não o súcubo que, ao contrário, significa o demônio feminino? É nesse movimento que Cortázar, ao contrário de manipular a idéia do tempo refém da cronologia, deixa ser ou apare(s)cer um tempo que tem outro tempo, ou seja, um tempo poético e sem compromisso com o rigor de uma unidade pré-determinada. Nesse mesmo momento, Cortázar coloca em xeque a possibilidade de uma subjetividade autônoma, quer dizer, o sujeito é sujeito ou está sujeito no sentido de se sujeitar? Esse sujeito pretende escrever íncubo, mas está diante da interferência da poderosa Violante<sup>13</sup> que acaba por fazer jus ao seu nome e violar a lei da autonomia.

Enfim, resta-nos lembrar que Crono, filho de Urano (Céu) e Géia (Terra), conhecido como a personificação do tempo, cortou os testículos do pai e os atirou ao mar. É dizer que o papel de Violante aqui não se trata de simples figuração. Nesse sentido, cumpre-nos reafirmar a compreensão de que na obra de Cortázar o tempo tem outro tempo.

## Referências

BRASIL, Assis. *Vocabulário técnico de literatura*. Rio de Janeiro: Edições de Ouro, 1979.

CORTÁZAR, Julio. *Salvo el crepúsculo*. Buenos Aires: Alfaguara, 1984.

CORTÁZAR, Julio. *Valise de Cronópio*. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1993. Morte de Antonin Artaud.

GUIMARÃES, Ruth. *Dicionário da mitologia grega*. São Paulo: Cultrix, [s.d].



JOSEF, Bella. *O jogo mágico*. Rio de Janeiro: José Olímpio, 1980. A metafísica do tango.

LALANDE, André. *Vocabulário técnico e crítico da filosofia*. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

MORAES, Alexandre. Cortázar e a modernidade. Parte I. *Contexto*, Vitória, a. IV, n. 3, 1994.

---

<sup>1</sup> A separação em pres-ente é proposital, tendo em vista que a idéia de tempo em Cortázar, onde o ente é uma permanência sempiterna, ou seja, ele é, mesmo quando aus-ente.

<sup>2</sup> Estela de una encrucijada...

<sup>3</sup> Idem, ibidem.

<sup>4</sup> Idem, ibidem.

<sup>5</sup> Co-razón não pode ser traduzido, considerando que em português perderia totalmente o efeito daquilo a que nos propomos observar através deste jogo de palavra.

<sup>6</sup> Temas de la Medianoche.

<sup>7</sup> A una mujer.

<sup>8</sup> Doble invención, p. 184

<sup>9</sup> Idem, ibidem.

<sup>10</sup> Idem, ibidem, p. 185.

<sup>11</sup> Crono, filho de Urano (Céu) e Géia (Terra), conhecido como a personificação do tempo, cortou os testículos do pai e os atirou ao mar.

<sup>12</sup> Conforme André Lalande, “termo forjado por Renouvier a partir do modelo de utopia, e que deu como título a uma de suas obras: ‘*Ucronia (A utopia na história)*, esboço histórico apócrifo do desenvolvimento da civilização européia tal como não foi, tal como teria podido ser’ (1876)”.

<sup>13</sup> Violante do Céu (Violante Montesino, dita, como freira dominicana, **soror**), poetisa portuguesa (Lisboa 1601 – *id.* 1693). De pendur intelectualizado, reagiu contra o sentimentalismo feminino de origem conventual. Autora de *Parnaso lusitano de divinos e humanos versos* (1633) e *Rimas várias* (1646).